

"...Um capitalista moçambicano que não quer ser candongueiro"

por Augusto de Jesus (texto) e Carlos Calado (fotos)

«Finalmente encontro um capitalista moçambicano que não quer ser candongueiro» — foi com esta frase, em tom de ironia, que o Presidente Samora Machel, ao visitar a FACIM/84, caracterizou um homem de negócios nascido em Moçambique e que há 22 anos se encontra fora do País. Esse homem é Abdul Zubaida que, em 1963, levado a seguir a carreira de futebolista profissional em Portugal, veio a tornar-se um homem de negócios influente internacionalmente, em especial na área da música e discografia. Hoje, passados mais de duas décadas, Abdul Zubaida volta à sua terra para trabalhar «para aplicar toda a minha sabedoria, maturidade e influência na terra que me viu nascer, porque agora, mais do que nunca, chegou o momento».

Polis é Abdul Zubaida, proprietário de uma editora discográfica, o motivo da nossa entrevista, na primeira e terceira pessoas do singular.

Durante o período de funcionamento da FACIM/84 soubemos que estava entre nós um homem de negócios nascido em Moçambique e que vinha para participar na Feira, integrado numa editora discográfica. Soubemos, também, que para além dos discos e da música, outros negócios de diversas áreas giravam em torno dele e faziam já parte da agenda de outros expositores, nacionais e estrangeiros.

Dos subúrbios de Inhambane a futebolista em Portugal

De estatura mediana, um pouco calvo e falando com gestos lentos, Abdul Remane Zubaida, actualmente com 39 anos, começou a destiar-nos o seu novo. Contou-nos que nasceu e cresceu num subúrbio de Inhambane, filho mais novo de uma família pobre de nove irmãos. Como se deu a saída de Moçambique, é ele mesmo que explica:

— Sai em 1963, para ir jogar futebol no Vitória de Setúbal, em Portugal. Até então, jogava no Ferroviário e, também, na selecção de Inhambane. Trabalhava nos Caminhos de Ferro e, como era bom futebolista, um major que era de Setúbal foi falar com a minha mãe, para eu seguir para Portugal, como futebolista profissional.

Falando fluentemente a língua portuguesa, Zubaida disse que, tendo a sua mãe aceiteado a ideia, ele firmou o contrato e exigiu 150 contos a pronto pagamento.

— Dei todo o dinheiro à velha. Tirei apenas três contos e vim a Lourenço Marques, onde comprei um «fatinho» e segui — afirmou. Prosseguiu dizendo que chegado a Portugal manifestou interesse em continuar a estudar. Tirara apenas a 4.ª classe em Moçambique.

— Estudava à noite. Quis estudar porque não queria acabar como os outros futebolistas que, finda a carreira, não arranjam emprego e vivem na miséria. Assim, consegui fazer o 7.º ano liceal.

A PIDE estragou a minha carreira

Abdul Zubaida conta-nos que como futebolista não foi grande coisa, muito embora

já fosse considerado como um dos melhores em Portugal.

— A PIDE estragou a minha carreira. O facto de eu ter manifestado interesse em estudar desagradou-lhes bastante. Lembro-me que um inspector chegou perto de mim e perguntou: «Para quê é que você quer estudar, se os outros quando vêm jogar não o fazem? Quer juntar-se aos terroristas, não é?»

Zubaida acrescenta que a perseguição que sofria era uma tortura para ele e que vivia perturbado. Diz ainda que vivia constantemente espiado por um agente que o ameaçava dizendo que ele podia desaparecer se fosse contar a alguém que a PIDE o perseguia.

— O caso veio a agravar-se quando, um dia, ao voltarem a perguntar-me se eu estudava para juntar-me aos «terroristas», eu respondi que não sabia quem eram esses; se eram os que na sua própria terra eram mortos por estrangeiros ou os que saíam da sua terra para escravizarem os outros. Foi o enterrar das minhas esperanças — revelou-nos.

A propósito dos problemas com a PIDE, quisemos saber se em Moçambique já havia tido problemas semelhantes. Zubaida disse que não, mas que muito jovem ainda, havia sido tentado a abandonar o País, para seguir para a Tanzania, pois isso era a aspiração da camada jovem da altura, conforme referiu.

— Recordo-me que em 1960, quando Eduardo Mondlane veio a Moçambique, influenciou-me muito. Os jovens naquela época ficaram impressionados quando viram um preto moçambicano, respeitado no mundo, professor na América e a andar num carro de governador. Tentei inclusivamente fugir com os meus amigos, mas não pude porque logo fui para Portugal. Entretanto, um primeiro grupo de moçambicanos havia conseguido sair de Moçambique.

O primeiro passo para os negócios

Com calma e evidenciando uma simplicidade e humildade contrastantes com a atitude de certas pessoas com a sua posição, Abdul Zubaida foi prossequindo a

sua narrativa. Instado a pronunciar-se sobre a forma como passou de futebolista para homem de negócios, afirmou que o 1.º passo foi dado em 1972, quando concluiu o 7.º ano.

— Com dificuldades frequentes ao 7.º ano. Aliás, só fiz duas disciplinas: OPAN (Organização Política e Administrativa da Nação e Filosofia), que até eram as mais fáceis. Assim, feito o liceu e vendo a minha carreira fute-

bolística foi o «abre-te sésamo» para a arena do «business» internacional. Zubaida viaja pelo mundo e entre outras, tem a missão de contratar futebolistas famosos para o Cosmos. Entre o seu palmarés constam Pelé, Beckenbauer e muitos outros. Em 1975 já era uma figura conhecida a nível mundial e aparecia em grandes jornais e cadeias de televisão.

Abdul Zubaida diz que a missão de contratar jogadores de futebol era considerada muito importante pelos americanos, porque queriam tornar-se uma potência futebolística num prazo de dez anos e organizar o Campeonato Mundial de 1986. Era mais um grande negócio que os americanos queriam montar, à semelhança com o que sucedeu com os Jogos Olímpicos deste ano, em que o

a melhor coisa que podia acontecer.

— Nessa altura estive para regressar, mas havia muita correria de pessoas oportunistas que queriam ocupar os lugares cimoiros. Além disso, ainda não me julgava com capacidade de vir a desempenhar um papel importante. Por isso, preferi continuar a andar pelo mundo, na escola da rua, mas sempre com intenção de voltar.

— Esta é a minha terra — diz ainda Zubaida — sempre pensei nela e, também, sempre viajei como moçambicano. Não tinha vergonha em afirmar-me como tal. Em todo o lado dizia isso e até cheguei a arranjar inimizades com gente que achava ridículo que uma pessoa como eu dissesse tal coisa. Mas ninguém podia fazer nada porque eu já tinha nome.



Zubaida, falando à nossa reportagem, tendo ao seu lado, João Ribeiro, com quem criou a editora discográfica DACAPO

bolística ir abaixo, arranjar um emprego numa firma têxtil, como homem de relações públicas.

Viajando frequentemente para fora de Portugal, Zubaida afirma que foi então contratado para organizar uma empresa têxtil em Londres, tendo ficado por lá, enquanto ia jogando futebol, embora muito pouco.

— Em 1972-3 — continua ele — ganhei um concurso para ocupar um cargo de relações públicas na multinacional Warner Brothers. Fiquei com a equipa de futebol do Cosmos, que era pertença da companhia e que era pretexto para se fazer outros negócios, em diversas áreas.

Com o cargo de «public relations» na Warner Brothers

desporto — na sua mais pura manifestação — foi tratado com base na «american-way-of-life». Contudo, como a FIFA não autorizou aos EUA a realização do Mundial/86, o Cosmos foi caído e Zubaida passa para o sector discográfico e musical da Warner Brothers.

— Foi assim que comecei a conviver e viajar mais com grandes nomes da música internacional — diz Zubaida.

Estive para regressar com a Independência nacional

Entretanto, enquanto Zubaida fazia sucesso no mundo como homem de negócios, em 1975, Moçambique ascendeu à Independência. Ele afirma que sentiu uma emoção especial e considerava a Independência como

Perguntámos a Zubaida se durante todo o tempo em que esteve fora tinha informações sobre Moçambique. Ele responde que sim.

— Recebia cartas de vários amigos. Via pela televisão e jornais algo sobre o País. Tenho até guardadas algumas casseles de televisão com programas que falam sobre Moçambique. Quanto aos problemas do País, eu sei que esta é uma fase histórica, ela é necessária. Todos os países quando conquistam a liberdade têm que passar por ela. Eu viajo por todo o mundo e afirmo com convicção que se está a andar bem — disse, para acrescentar que há muita vontade de trabalhar e eu regresso para aplicar toda a minha sabedoria, maturidade e influência, porque agora,



«Lá fora sempre viajei como moçambicano. Nunca tive vergonha de afirmar-me como tal e isso custou algumas inimizades» — Abdul Zubaida

mais do que nunca, chegou o momento.

Quando é que o teu País estará independente?

O nosso entrevistado disse mais adiante que havia dois tipos de informações que ouvia no estrangeiro: favoráveis e desfavoráveis. Afirma que não obstante grande parte das informações serem desfavoráveis, havia muita gente que tinha ideias positivas sobre Moçambique, principalmente entre os grandes artistas com os quais mantinha contactos. Não tanto porque eles conhecessem Moçambique, mas simplesmente porque pensam que todos os povos têm o direito de se governarem a si mesmos.

Dentre essas figuras, Zubaida citou os músicos Miles Davis, Bob Dylan, Mick Jagger, Santana, Bob Marley, os «Pink Floyd», Rod Stewart e outros.

— Lembro-me que sempre que o jamaicano Bob Marley me encontrava, perguntava: «Zubaida, quando é que o teu país estará independente? Tenho que ir para lá, mesmo que seja de borla».

— Adianta que muitos artistas, talvez por sua influência e à semelhança de Bob Marley, manifestam interesse em vir actuar em Moçambique, como por exemplo Stevie Wonder.

Com a editora DACAPO para investir na RPM

Falando dos seus projectos em Moçambique, Abdul Zubaida disse que os mais imediatos se centram na área musical e discográfica. Explicou-nos que em Abril de 1982 abriu uma editora discográfica em Portugal, juntamente com um amigo seu desde a infância, João Ribeiro, que o acompanha nesta sua estada entre nós. Disse que pela influência que tem no mundo do disco, a sua editora é já reconhecida internacionalmente e possui contratos com os maiores músicos da actualidade, como por exemplo Michael Jackson, Stevie Wonder, Diana Ross, Lionel Richie.

Abdul Zubaida disse que é sua intenção, em acordo com as autoridades moçambicanas, criar uma firma de gravação e produção de discos no País, a partir das instalações de uma já existente. Afirma que o objectivo principal é divulgar a nossa cultura.

— Aliás, essa é a maior vocação da nossa editora. Também iremos gravar e editar discos de grandes músicos e vendê-los não só no

País, como no estrangeiro. Teremos material e capacidade garantidos para tal.

Ele declarou que idêntico projecto tem em Angola, onde já começámos com a produção do 1.º disco oficial de Angola, gravado em Londres, pelo grupo «Samba Tropical», no ano passado. Gravámos em acordo com o Governo angolano e levámos o grupo não só a Londres, como a Portugal, para promoções. É o que iremos fazer, para começar, com os músicos moçambicanos, e pretendemos começar com Fany Mpfumo — frisou o nosso interlocutor.

Não bebo, não fumo, nem como carne de porco...

Depois de termos falado sobre diversos aspectos da vida profissional de Abdul Zubaida, quisemos terminar a nossa conversa, passando para o lado pessoal:

É casado? Quantos filhos tem?

— Sou casado com uma angolana: chama-se Isabel Zubaida. Casei-me em Londres e tenho um filho de 7 meses, chama-se Yuri.

Mas Yuri não é inglês, não é moçambicano, nem angolano. Porquê Yuri?

— Sim. O nome é muçulmano, da zona soviética. Escolhi-o em homenagem ao 1.º homem no espaço, Yuri Gagarine, pois gostaria que meu filho fosse piloto de Força Aérea. Aliás, o padrinho dele é comandante da Força Aérea Angolana: Iko Carreira. Chama-se Yuri e por coincidência nasceu dois dias antes da morte do anterior Presidente soviético, Yuri Andropov.

— Você também é muçulmano?

— Claro, e ainda vou à Mesquita, sobretudo quando é altura do Ide. Não bebo, não fumo, nem como carne de porco. É uma questão de tradição. Quanto à bebida, que é frequente nos meus meios, faço de conta que não existe. Tanto mais que, como sabe, o álcool estraga muitos lares. Muita gente até fugiu para Portugal a fim de continuar a beber vinho.

Onde vive?

— Normalmente em Londres. Também tenho casa em Nova Iorque, Hamburgo, Lisboa...

Para além de negócios, faz mais alguma coisa?

— Sou comentarista desportivo na emissão em língua portuguesa da BBC.

— Que pensa de Michael Jackson?

— Que não é tanto quanto se fala dele. Existe um outro jovem chamado Prince, que agora estamos a lançar. Talvez venha a ser mais que o Jackson.